

BITCH

TEIXEIRA, Carol. *Bitch*. Rio de Janeiro: Record, 2016, 127 p.

Vicentonio Regis do Nascimento Silva^(*)

Aparentemente assim são meus livros: os homens não têm voz e você sente como se tivesse trepado com os personagens (p.100).

A ascensão de nomes das artes – teatro, cinema, jornalismo, televisão, rádio, internet, música etc – ao ápice das listas de livros mais vendidos vem fomentando discussões em torno da figura do redator, classificando-o em escritor (detém os artifícios literários na construção da trama) e produtor de textos (eficiente profissional capaz de ajustar as palavras à produção de enunciados e enunciações). Feito esse esclarecimento, *Bitch* representa o esforço de texto bem construído que, com o tempo, eventualmente poderá atingir o grau de objeto literário. O romance – assim designado na ficha catalográfica – narra a história de duas personagens femininas que, na condição de artistas, uma, escritora, outra, plástica, relatam suas experiências sexuais como busca do ponto de demência marcado pelo encontro entre o racional/refletido e o passional/impulsivo:

Deleuze não disse isso, mas eu digo: o ponto de demência é o erotismo. Quando a matéria tão humana, tão subestimada, flerta com o incorpóreo, com o sagrado. A vertigem, a desordem que o obsceno traz, destrói a ilusão da posse de nós mesmos, gargalha na cara do nosso ego antes tão seguro, inabalável (p. 10).

O sagrado e o profano então se materializam na construção dos capítulos cujos títulos são denominados versículos, descrevendo desejos e ações de volúpia. Duas histórias são contadas até se entrelaçarem: a da escritora C. e a da artista plástica Princess. Inicialmente, os versículos ímpares são narrados em primeira pessoa (narrador autodiegético), contando a vida da escritora, restringindo-se ao espaço de nosso país; os pares, em terceira pessoa (narrador heterodiegético), relatando o cotidiano da artista plástica em praias e balneários europeus. Durante todo o texto percebe-se forte ardor intertextual que, em vez de promover realces literários, provoca dispersão: cita, descreve e ligeiramente discute obras e criadores da filosofia, Literatura, processos intelectuais, músicas e filmes. Apesar das infindáveis intertextualidades eruditas das personagens principais – assim como das secundárias – qual é, segundo a escritora C., o melhor modelo de sexo? Justamente quem não carrega nenhuma espécie de erudição:

^(*) Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: vicrenos@yahoo.com.br.

[...] fiquei pensando por que eu, sendo escritora, nunca tinha transado com um escritor. Parecia estranho, mas ali concluí que fazia todo sentido: eu odiava transar com gente que pensava demais. Muita racionalidade me deixava apavorada. Por isso evitava escritores (p.19).

A narradora nada menciona a respeito, mas interessante frisar que, anos atrás, a neta de Antônia (personagem de *A excêntrica família de Antônia*, filme holandês de 1995) possui inteligência acima da média, integrando, desde cedo, o corpo discente das principais universidades do mundo. Embora transe com dezenas de intelectuais, ela se satisfaz sexualmente apenas com um conhecido da infância, ignorante e bruto. Talvez por essa razão, o envolvimento sexual em grupo não desperte tanto interesse na escritora C. – não despertando também o do leitor – quando descreve encontro com casal durante suas noitadas (p.23-24).

Logo, abre-se um fosso entre o amor e o sexo já que o amor que acontece para Princess – “o amor bateu em Princess” (p.33); “podia admitir para si mesma, sem medo, que tinha se apaixonado” (p.37) – tornar-se-á, mais adiante, um problema de submissão. Contudo, o comportamento submisso não é tradicional:

[...] O ambiente livre e feminino havia sido a base da criação de Princess desde a morte do pai, quando ela tinha 14 anos. A ausência de uma estrutura familiar padrão e a presença de uma mãe liberal fizeram com que, naturalmente, as regras fossem subvertidas: era encorajada a questionar imposições sociais e tinha mais liberdade do que a maioria de seus amigos. Fazia todo sentido que ela tivesse se tornado uma artista. Sempre fora incentivada a criar seu próprio mundo, especialmente pela avó, Dominique Stone, figura ao redor da qual a família girava. Princess e Marília levavam o sobrenome de Dominique, formando aquela linhagem de mulheres fortes para as quais a ausência de homens nunca estivera em pauta (p.34).

Parece-nos controversa essa “linhagem de mulheres fortes” destacada pela narradora uma vez que se constata os titubeios, as relutâncias e os medos de Princess, especialmente no fato de não refutar o pedido de casamento do namorado (p.59-60) nem de compartilhar seus sonhos sexuais com ele (p.57). Os versículos (capítulos) 10 e 11 – respectivamente protagonizados por Princess transando com Kiko, encontrado em uma balada depois de seu noivado, e por C., conversando com o ex-marido na Rua Augusta – suscitam o conflito: quais são os laços afetivos (efetivos?) que unem duas pessoas? Quais as possibilidades de colar os pedaços de um objeto quebrado e reordená-lo ao ciclo rotineiro?

O versículo (capítulo) 12 então destaca o cruzamento de Princess e C. na noite paulistana, fornecendo indícios do título do livro – Princess declara que sua nova exposição

“É um processo artístico existencial. Sobre busca e sobre sexo. Vai virar uma instalação chamada Bitch” (p.86) – e da similaridade do *ethos* da escritora e da artista plástica (p.87).

O enredo transcorre razoavelmente bem até aqui: a escritora reconhece a igualdade de personalidade entre ela e a artista plástica. Ambas gostam de sexo, ambas são intelectuais, ambas dilaceraram-se em seus casamentos (o que já ocorreu e o que está por vir), ambas encontram na arte o caminho de sua expressão pessoal, impulsionadas por uma espécie de liberdade. Entretanto, os versículos (capítulos) 14 e 15 resgatam as crises das figuras paternas: à escritora surgem obstáculos na configuração do pai em seus romances, aceitando-se a proposta do psicanalista na solução de tal conflito, consistente na criação de tal figura ausente (p.102); a artista plástica precisa livrar-se dos traumas do testemunho do genitor ensanguentado no sofá depois de ela voltar de uma festa: “[...] ela nunca falava sobre o pai. Era como se ele nunca tivesse existido em sua vida” (p. 103).

Eis a indagação: qual a relevância dos pais de ambas? A pergunta mostra-se crucial para definir a espécie de personalidade das personagens, pois se a figura paterna exerce destaque, a liberdade – especialmente a sexual e a intelectual –, a irreverência e a originalidade de ambas deixam de ser característica individual para se transformar em um desvio quase patológico, libertário, mas não original, constituindo desabafos desconectados da arte e, ao mesmo tempo, símbolos da mera insatisfação pessoal. Assim, “[...] Princess e C. se conectavam numa zona turva na qual seus pontos em comum (seus pontos de demência?), tão atípicos, transcendiam qualquer questão ética, respondiam a leis que só elas entendiam” (p.108).

Bitch então se torna o título que a escritora C., personagem e, logo, ente inteiramente ficcional, atribui ao livro (p.127) e, concomitantemente,

Bitch era uma exposição perturbadora, resultado da entrega de Princess a um caos investigativo, trágico, dionisíaco. [...] Uma ode ao corpo, o sagrado do profano, arte e vida se misturando num espetáculo que afrontava a dicotomia alma e corpo (p.121).

Conforme mencionado ao início, o livro tem boa redação proveniente de competente produção textual, contudo ainda precisa evitar clichês caso deseje alcançar seu patamar literário. São exemplos na página 15 – “alto dos seus 25 anos”, “gesto carregado da mais maldosa das intenções”, “química que tinham”, “virou fingindo surpresa e um leve desinteresse”; página 47 – “a cidade acordava repleta de possibilidades”; página 57 – “o

homem dos sonhos de qualquer mulher”; página 69 – “ele não tinha acreditava que estava com uma mulher daquelas, não tinha imaginado nem em sonhos”.

O livro finda-se com o leitor questionando-se sobre a emancipação dessas personagens femininas – a escritora e a artista plástica – diante de suas artes. Como resultado literário, ainda precisaria de densidade da trama. Como resultado de produção textual, abdica da possibilidade de romper as amarras das mulheres ao círculo de proteção e controle a que se submetem, ratificando o papel da transgressão – portanto, não rompimento – do cotidiano pela arte cuja finalidade, pelo menos a que transparece no enredo, não é a de se firmar permanentemente, mas de gritar por momentos fugazes e transitórios sem promover mudanças estruturais ou pessoais.

Texto recebido em: 30/06/2017.

Texto aprovado em: 11/11/2017.